

**LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:
UMA REFLEXÃO SOBRE SEUS ASPECTOS LINGUÍSTICOS**

Karine Albuquerque (UEMS)
karinea1987@hotmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)
chaves.adri@hotmail.com

RESUMO

A língua de sinais brasileira – libras é a língua usada pela comunidade surda brasileira. Obteve seu reconhecimento legal pela Lei 10436/2002 regulamentada pelo Decreto 5626/2005. Trata-se de uma língua visual-espacial, ou seja, se realiza no espaço com articuladores visuais: as mãos, o corpo, os movimentos e o espaço de sinalização. O objetivo desse artigo é refletir sobre as questões linguísticas da língua brasileira de sinais nos aspectos fonológico, morfológico e sintático. Elucida a qualidade de língua natural da língua de sinais enfatizando seu status de língua, desmistificando a ideia de vê-la como linguagem uma vez que, proporciona aos seus sinalizadores mecanismos linguísticos para a produção de diferentes gêneros, textos e discursos. Trata-se de uma revisão de literatura de cunho qualitativo, que faz uma breve explanação de cada um dos aspectos linguísticos, comum nas línguas orais relacionando-os com a organização estrutural em libras. Está fundamentado em autores que são referências como, Brito (1995) e Quadros & Karnopp (2004).

Palavras-chave: Língua de sinais. Linguística. Língua natural.

1. Introdução

Raramente encontramos estudos relacionando a língua de sinais com a linguística, isso pelo fato do recente reconhecimento legal dessa língua e pelo contexto histórico que ainda espera estabelecer os surdos como grupo linguístico minoritário, que desde então está à espera de uma política linguística que viabilize também em âmbito acadêmico a consolidação da língua brasileira de sinais – libras, como língua e, portanto objeto de estudo da linguística.

Por acreditar que a linguística não é uma particularidade de uma ou outra língua, sejam elas línguas orais ou línguas de sinais, e que, a língua brasileira de sinais é uma língua natural reconhecida por lei como língua oficial da comunidade surda do Brasil, se faz necessário desmistificar a crença de que o nosso país ainda seja monolíngue e deixarmos de favorecer a língua portuguesa em detrimento de todas as outras línguas existentes no Brasil principalmente, a libras.

Seguindo os estudos de Stoke (1960), que definiu que a língua de sinais atende a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína no léxico, na sintaxe e na capacidade infinita de gerar sentenças, esse artigo preocupou-se em pontuar e caracterizar os aspectos linguísticos descrevendo os níveis fonológicos, morfológicas e sintáticas em libras, qualificando-a, como língua e não como linguagem.

2. Libras: língua ou linguagem?

Antes de considerar os aspectos linguísticos da língua de sinais devemos esclarecer que, apesar de durante muitos anos a libras ocupar o status de linguagem, desde seu reconhecimento com a lei federal 10.436 aprovada no ano de 2002 ela passou a ser uma língua oficial e um direito dos surdos. Quadros (2006, p. 01) destaca que “os surdos brasileiros resistiram a tirania do poder que tentou silenciar as mãos dos surdos, mas que, infelizmente, fracassou nesse empreendimento autoritário”, apesar disso, ainda há quem rotule, de uma maneira equivocada, língua brasileira de sinais como linguagem.

Poderíamos aqui tentar conceituar língua para catalogarmos a libras como tal, porém a linguística em suas muitas interfaces com outras ciências pode nos dar uma gama de definições, e assim, contemplar todos os variados aspectos existentes no conceito de língua. Se a linguística fizer interface com a biologia, por exemplo, a língua seria definida como parte genética de nossa espécie; já em uma interface com a sociologia, há de se destacar os aspectos socioculturais da língua; em uma interface com a psicologia a definição da língua seria como parte da cognição humana (Cf. VIOTTI, 2008, p. 08). Vale ressaltar que a luz de cada uma dessas interfaces desenvolvem-se várias teorias e cada uma delas deve ser entendida dentro do seu contexto.

Apesar da gama de conceitos possíveis para língua, dependendo da interface feita pela linguística, não se pode confundir conceitos distintos e pontuais como os de língua e linguagem:

[...] linguagem é uma faculdade humana, uma capacidade que os homens têm para produzir, desenvolver, compreender a língua e outras manifestações simbólicas semelhantes à língua. A linguagem é heterogênea e multifacetada: ela tem aspectos físicos, fisiológicos e psíquicos, e pertence tanto ao domínio individual quanto ao domínio social. Para Saussure, é impossível descobrir a unidade da linguagem. Por isso, ela não pode ser estudada como uma categoria única de fatos humanos. A língua é diferente. Ela é uma parte bem definida e essencial da faculdade da linguagem. Ela é um produto social da faculdade

da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, estabelecidas e adotadas por um grupo social para o exercício da faculdade da linguagem. A língua é uma unidade por si só. (SAUSSURE, 1916).

Como exemplificado por Saussure, língua e linguagem têm definições distintas. A primeira é um produto social e cultural, já a segunda é a habilidade que o homem tem de produzir conceitos os relacionando com uma forma, tais como a arte, a dança, o teatro. As línguas naturais são fatores intrínsecos ao homem, um sistema linguístico usado por uma comunidade. Destaca-se que ela não é exclusividade das línguas orais, pois, a língua de sinais já foi cientificamente estabelecida como língua natural. Brito (1998, p. 5) afirma ao considerar línguas de sinais como naturais.

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.

Portanto como língua natural, podemos encontrar em libras, além de uma gramática própria, o que veremos detalhadamente ao longo desse ensaio, outras características linguísticas: a produtividade/criatividade, a flexibilidade, a descontinuidade e a arbitrariedade, comuns às línguas orais.

Dessa forma, a língua de sinais é considerada como a língua materna dos surdos por ela não estar atrelada ao canal oral-auditivo, e por esta modalidade favorecer a aquisição pelo surdo, além de contribuir para o seu desenvolvimento linguístico, social e cognitivo.

A seguir discorreremos a respeito da gramática da língua brasileira de sinais e sua estrutura nos níveis; fonológicos quanto as suas unidades mínimas, morfológico pontuando os processos de formação dos sinais e as classes gramaticais; e sintático destacando a singularidade da sintaxe espacial e ordem frasal na libras.

3. Aspecto fonológico

Do ponto de vista linguístico podemos considerar como atribuição da fonologia identificar quais são as unidades mínimas do sistema, quais aspectos dessas unidades são contrastivos e como essas unidades são restringidas por diferenças e similaridades sensoriais entre língua de sinais e

línguas orais Quadros & Karnopp (2004).

A fonologia das línguas de sinais preocupa-se dentro de modelos descritivos e explanatórios, identificar a estrutura e organização dos constituintes fonológicos. Portanto é a parte da linguística que estabelece as partes mínimas que formam os sinais e as possíveis combinações entre essas unidades e as demais variações no que tange a fonética.

As línguas de sinais são denominadas línguas de modalidade gestual-visual, pois as informações linguísticas são recebidas pelos olhos e os seus articuladores primários são as mãos. Stokoe (1960) propôs o uso da terminologia “quirema”, oriunda do grego, cujo significado é mão, e para o estudo de suas combinações o termo “quirologia”. Porém se estabeleceu o uso dos termos fonema e fonologia, pois sendo as línguas de sinais naturais compartilham dos mesmos princípios linguísticos inerentes das línguas orais, conforme afirma Quadros & Karnopp (2004, p. 48):

As línguas de sinais, conforme um número considerável de pesquisas contém os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas orais, no sentido que têm um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais e uma gramática, isto é, e sistema de regras que regem o uso desses símbolos. Existe também a hipótese de que a forma das línguas de sinais é determinada pela gramática universal inata e pela interação entre a percepção visual e a produção gestual.

O desenvolvimento de modelos fonológicos surgiu a partir dos trabalhos de Stokoe possibilitou a noção de uma ordem linear, mostrando a sequência das unidades que compõem os sinais, e análogo apresentou um aperfeiçoamento dos parâmetros e das relações estruturais entre tais unidades na descrição fonológicas dos sinais Quadros (2005, p. 49).

Configuração de mãos refere-se à forma que as mãos tomam para formar os sinais que vão além das letras do alfabeto manual. Em libras foram identificadas sessenta e três configurações de mãos conforme Pimenta e Quadros (2007). Locação é o lugar no qual o sinal é feito podendo a mão tocar o corpo ou apenas se articular no espaço. Movimento é o parâmetro que envolve desde os movimentos internos dos dedos até os movimentos direcionais no espaço. Nisso se define as unidades estudadas por Stokoe (1960) foram denominados de parâmetros primários.

Estudos posteriores, como o Battison (1974) incluíram a orientação como a direção da palma da mão na produção do sinal, que Segundo Brito (1995), pode ser pra cima, para baixo, para o corpo, para frente, pra esquerda ou para direita. Os aspectos não manuais englobam as expressões faciais, movimento do corpo e do olhar, que durante a formação de

um sinal é fator decisivo pra formular o conceito, isto é, uma mudança de aspecto não manual pode mudar o significado do sinal, como por exemplo, os sinais das palavras: bravo e sério.

Vale ressaltar que a libras faz o uso extensivo de aspectos não manuais. Tais aspectos possuem significado diferente dos traços paralinguísticos das línguas orais (entonação, sotaque, ritmo, entre outros), nas línguas de sinais as expressões faciais são elementos gramaticais que compõem sua estrutura linguística.

Os parâmetros também apontam os traços distintivos que restringem linguisticamente as possíveis combinações entre as unidades mínimas, assim como acontece na língua portuguesa como, por exemplo, as palavras *faca* e *maca* com vocábulos distintivos. Outro tipo de restrição em língua portuguesa é o de não se admitir três consoantes em uma mesma sílaba. Em libras chamamos essas distinções entre sinais de pares mínimos como exemplificado por Quadros & Karnopp (2004, p. 51) a seguir:

Uma das tarefas de um investigador de uma determinada língua de sinais é identificar as configurações de mão, as locações e os movimentos que têm caráter distintivo. Isso pode ser feito comparando-se pares de sinais que contrastam minimamente, um método utilizado na análise tradicional de fones distintivos das línguas de naturais.

Pode-se observar na produção e restrições dos sinais a utilização de uma ou das duas mãos estabelecendo assim uma relação de dominância, quando apenas uma mão está ativa enquanto a outra serve de apoio, e de simetria, quando as ambas são ativas. Tal condição indica se é correto ou errado produzir um sinal.

A organização fonológica dos sinais tem ênfase nos articuladores, as mãos, e possui cinco componentes estruturais dos itens lexicais, denominado de parâmetro. Segundo a literatura, Brito (1.995) e Quadros & Karnopp (2004) são: configuração de mãos, movimento, locações, orientação da mão e expressões não manuais.

A partir da análise desses parâmetros, que são as unidades mínimas, entendemos que as línguas orais e as línguas de sinais são similares em seu nível estrutural Gesser (2010). Podemos dizer então que se formam unidades mínimas que, combinadas, formam unidades mais complexas, como veremos a seguir com os aspectos morfológicos.

4. Aspectos morfológicos

Morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, bem como das regras que determinam a formação do mesmo, Quadros (2005). Há na língua brasileira de sinais, assim como no Português, um rico vocabulário léxico que dotados de recursos permite a criação de novos sinais, diferente das línguas orais que diversas vezes são formadas a partir da adição de um prefixo ou sufixo.

Um processo comum de criação de novos léxicos e a derivação de nomes dos verbos, e vice-versa envolvendo mudança de categorias gramaticais, outra forma possível é a composição, ou seja, dois sinais com significados distintos se combinam dando origem ao um terceiro e a incorporação que pode ser: de um argumento, de um numeral ou de uma negação.

A morfologia tem como umas de suas funções a mudança de classe, isto é, a utilização da ideia de uma palavra em outra classe gramática. Forma-se um novo léxico para se utilizar o significado de um léxico já existente num contexto ocupando uma classe gramatical diferente. Um tipo de processo bem comum na língua de sinais é aquele que deriva verbos de nomes (ou vice-versa), caracterizado principalmente pela mudança do parâmetro do movimento Quadros & Karnopp (2004, p. 96).

Dentro das categorias gramaticais da libras, os pronomes, adjetivos, verbos, numerais, advérbios, entre outras, há algumas que merecem um olhar especial devido a sua especificidade na língua, marcados principalmente pelo uso do espaço como seu principal articulador. São elas: os verbos, pronomes, adjetivos e classificadores. Estes e se destacam como os principais objetos de estudo da morfologia da língua de sinais.

Segundo Brito (1995) os verbos em libras são divididos em três tipos: simples, direcionais e espaciais. Os verbos simples são aqueles sofrem variação e não incorporam afixos locativos. Os verbos direcionais, também conhecidos como verbos com concordância flexionam em pessoa, número e aspectos, porém também não incorporam afixos locativos. Os verbos espaciais são aqueles que apenas incorporam os afixos locativos.

A flexão de plural tanto nos verbos quanto nos substantivos, é obtida em grande parte pela repetição do sinal, pela anteposição de sinais referentes aos números, ou pelo movimento semicircular, que deve abranger os objetos envolvidos Britto (1995). Segundo os estudos feitos

por Klima e Bellugi (1979), com base na língua americana de sinais, existem oito processos de flexão: pessoa, número, modo, foco temporal, aspecto temporal, aspecto distributivo e reciprocidade.

Os adjetivos na língua brasileira de sinais estão sempre na forma neutra, portanto não recebem marcação de gênero e número. Para expressar o grau recorre-se a um intensificador, o que se trata de uma variação na expressão facial e/ou corporal ou no movimento do sinal. No caso de adjetivos descritivos, como por exemplo, camisa de bolinhas, será articulado desenhando-o no espaço ou no corpo do sinalizador.

A questão do gênero na libras, citado anteriormente, difere da língua portuguesa que utiliza as desinências de gêneros modificando os nomes, a marcação de sexo na libras se dá pelo uso dos sinais indicadores de gênero, feminino ou masculino, se antepondo ao nome. Como por exemplos o sinal de homem ou mulher antes do sinal de casado para dizer esposo ou esposa, isso independe da classe gramatical que pertença a palavra, não sendo uma exclusividade dos adjetivos.

Quanto aos classificadores podemos dizer que eles são um traço morfológico bastante evidente em libras, funcionam em uma sentença como parte dos verbos direcionais ou de localização, segundo Brito (1998). Para Felipe (2001) os classificadores são formas que, substituindo o nome que as precedem, podem vir junto com o verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo. O recurso gramatical do uso dos classificadores fornece um campo de representações que define o tamanho e a forma de um objeto, a animação corporal de um personagem e ainda como determinado instrumento é utilizado. No tocante aos pronomes em libras são realizados em diferentes pontos no espaço, a articulação do sinal depende da pessoa a quem se faz referência e do número. As conjunções que se destacam em libras são: *mas*, *se*, *como* e *o porquê*, que podem ser explicativas ou interrogativas. Outra forma de referenciar pessoas e objetos se dá pelo emprego da *dêixis*, palavra grega que significa apontar ou indicar, que pode ser de referente presente ou ausente. Podemos considerar da relação pronominal em libras que:

[...] Descreve uma forma particular de estabelecer nominais no espaço que são utilizados pelos verbos como parte de sua flexão. A função dêitica em língua de sinais, como língua brasileira de sinais e na ASL, é marcada através da apontação propriamente dita. Os referentes são introduzidos no espaço à frente do sinalizador, através da apontação de diferentes locais. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 112).

É válido lembrar que o alfabeto manual foi estudado como parte

da semiologia da libras, ele corresponde a representação manual da ortografia do Português. As palavras soletradas com o uso do alfabeto manual envolvem uma sequência de configurações de mãos que possui um correspondente na escrita da língua portuguesa.

Uma questão ainda discutida entre os pesquisadores que se dedicam aos estudos linguísticos da língua de sinais é a tênue linha entre a fonologia e a morfologias que se configuram em um delicado e vasto campo de pesquisa. Porém devemos lembrar que há muito que descrever e analisar nas línguas de sinais, principalmente, considerando o pouco tempo do reconhecimento linguístico e de pesquisas dedicadas a ela. Passemos então para a descrição do nível sintático.

5. Aspecto sintático

O aspecto sintático é aquele que se ocupa da estrutura da frase. É a parte da linguística que estuda a estrutura interna das sentenças e as relações entre as suas partes. Para a língua de sinais, essa área da linguística considerou como objeto de estudo a existência sintaxe espacial, transpondo as construções frasais, considerando o tipo de verbo empregado e evidenciando a concordância como um aspecto gramatical.

Para refletir sobre o nível sintático da língua de sinais precisamos antes considerar que ela é dotada de um sistema viso-espacial ao contrário das línguas orais que possui um sistema oral-auditivo. Segundo Quadros & Karnopp (2004, p. 127), “de certa forma, tal desafio apresenta certo grau de dificuldade aos linguistas; no entanto, abre portas para as investigações no campo da teoria da gramática enquanto manifestação possível da linguagem humana”.

Segundo Quadros & Karnopp (2004) no espaço que são realizados os sinais, o estabelecimento nominal e o uso do sistema pronominal são fundamentais para as relações sintáticas. Como percorrido anterior, qualquer referência deve ser estabelecida em um lugar no espaço, à frente do corpo do sinalizador, porém devem ser observadas as restrições impostas pelos mecanismos espaciais.

Os verbos direcionais são também chamados de verbos com concordância. Na língua brasileira de sinais, esses verbos devem concordar com o sujeito e/ou com o objeto indireto/direto da frase. Há uma relação entre os pontos estabelecidos no espaço e os argumentos que são incorporados no verbo. A direção do olhar também acompanha o movimento

(QUADROS & KARNOPP, 2004).

A organização das frases e as variações na ordem das palavras é um fato relevante para os estudos linguísticos de qualquer língua. Na língua de sinais há o predomínio da estrutura Sujeito – verbo – objeto, SVO, embora segundo Quadros (1999), a ordem tópico-comentário pareça ser a mais utilizada principalmente por surdos que não fazem uso da oralidade.

A topicalização, realizada com bastante frequência, é definida como a distribuição no espaço dos elementos da frase, ou seja, não segue a ordem SVO. Pode ser usada desde que não haja restrições que impeçam o deslocamento de determinados constituintes da sentença e que altere o sentido da frase.

Dada à flexibilidade da organização frasal os pesquisadores elencaram ainda como possibilidade de construção em foco, objeto – sujeito – verbo (OSV), sujeito – objeto – verbo (SOV), verbo -objeto – sujeito (VOS) Quadros & Karnopp (2004). É fácil perceber uma assimetria entre as construções, independente do tipo de verbo empregado.

A questão da concordância em língua de sinais é marcada principalmente pelos verbos direcionais, pois eles modificam sua forma quando têm outro elemento gramaticalmente ligado a ele. Nas línguas de natureza visual é obrigatória a concordância com o verbo, ficando facultativo para o sujeito.

Para uma consideração sintática podemos destacar os verbos com concordância, aqueles que flexionam em pessoa, número e aspecto, são exemplos dessa categoria em libras os verbos: perguntar, responder, dar. Os verbos com afixos locativos como: viajar e chegar apresentam sintaticamente a mesma função, entretanto se diferem no campo semântico.

Depois de analisar o comportamento dos verbos com e sem concordância Quadros & Karnopp (2004, p. 162), “observaram que os verbos com concordância comportam-se como os verbos auxiliares do inglês e os verbos sem concordância, como os verbos principais do inglês”.

Os verbos principais não podem preceder a negação (**Johm likes not Mary*). O mesmo é observado em língua de sinais brasileira com os verbos sem concordância: João <gostar não carro>. Os verbos principais não podem ser seguidos da negação sem a presença de do-support (**Jonh not likes Mary e Jonh does not like Mary*). Isto também é observado na língua de sinais brasileira: com um verbo com concordância a sentença é boa, mas com um verbo sem concordância a sentença será boa somente com um auxiliar. (QUADROS

& KARNOPP, 2004, p. 162).

Há ainda uma subcategoria dos verbos com concordância denominados pelos linguistas de libras como verbos “manuais”. São aqueles que configuram a mão na representação de estar segurando um objeto na mão, assim o verbo pintar dependendo de como o “pintar” estiver empregado na oração mudará a configuração da mão, como por exemplo, pintar com o rolo a mão assume uma configuração diferente de se estiver pintando com um pincel ou com um lápis.

Finalmente, podemos considerar que em libras o nível sintático se dá por meio da chamada sintaxe espacial, isto é, que devido à modalidade gestual da língua as relações de estrutura frasais são realizadas no espaço.

6. Conclusão

Esse artigo procurou mostrar que a língua de brasileira de sinais se difere das línguas orais somente na forma de transmissão. Para tanto se buscou exemplificar, por meio dos estudos linguísticos, regras que vão desde formação dos sinais, até a organização destes nas estruturas frasais e nos diferentes discursos.

Espera-se ter esclarecido que como as línguas orais as línguas de sinais são naturais, e as investigações apontam e descrevem a existência de características linguístico-estruturais que marcam as línguas humanas naturais. Embora seja uma língua articulada espacialmente, lugar em que são constituídos seus mecanismos fonológicos, morfológicos e sintáticos, certifica-se que ela atende a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína no léxico, na sintaxe e na capacidade infinita de gerar sentenças.

O texto embora não tenha a pretensão de ter cunho conclusivo, pois ainda há muito para ser investigado, faz descrições sobre libras, sobretudo a respeito das variações e estruturas linguísticas, que reitera a necessidade dos estudos feitos nessa área preconize os princípios universais aplicáveis tanto as línguas de sinais quanto às línguas orais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, L. F. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ/Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

CHOI, D. et al. (Org.). *Libras: conhecimentos além dos sinais*. São Pau-

lo: Pearson Prentice Hall, 2011.

FELIPE, T. A. Libras em contexto. *Educação Temática Digital*, Campinas, vol. 7, n. 2, p. 200-217, jun.2001.

FERNANDES, E. *Linguagem e surdez*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GESSER, A. *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola, 2009.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M; PIMENTA, N. *Língua brasileira de sinais: curso I*. Rio de Janeiro: LSB vídeos, 2005.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. *Aspectos linguísticos da libras*. Curitiba: SEED/SUED/DEE.1998.

VIOTTI, E. C. *Introdução aos estudos linguísticos*. Florianópolis: UFSC, 2008.